

Posse de Vargas

A UM AMIGO EM PARIS

Rio, janeiro — Conta um jornal (não sei se você acredita neles) que os membros da delegação especial que o governo da Argentina mandou à posse do sr. Vargas não trouxeram casacas, precisando alugá-las à última hora. Não sei se a imprensa de Buenos Aires publicará isso; não sei nem mesmo se ainda há imprensa funcionando em Buenos Aires. É melhor que não publique. Nosso novo presidente é estimado lá como um verdadeiro "descamisado" — o que em espanhol, pelo menos no que se usa em Buenos Aires, se não chega a querer dizer um homem sem camisa, quer dizer um homem sem paletó. Receio, meu velho, que o sr. Vargas perca um pouco de prestígio no país amigo quando souberem que êle só recebeu os enviados do general Perón devidamente encasacados.

Aqui é que êle não perde prestígio; nem pelas casacas nem pelos "cartolas" com que parece (escrevo a algumas horas da posse e não tenho nenhuma certeza) êle formou seu Ministério. Não tenho grande coisa a ver com o assunto, pois na hora do baile pretendo envergar um antigo e modesto pijama e, sentado na velha cadeira de balanço, sorver a minha quieta cervejinha. Duas comodidades — a cerveja e a cadeira de balanço — que, segundo creio, foram os germários que ofereceram ao mundo. Por falar em raças, acho extremamente simpático ver subir à presidência do Banco do Brasil um filho da colônia sírio-libanesa, colônia cuja ascensão econômica e social nestes últimos tempos é impressionante. Já se foi a época em que os "turcos" só sabiam comerciar (o que não é saber pouco); êles entraram para a indústria. E há um estudo a fazer, meu velho, comparando o estilo da avenida Paulista, em que tantos ex-imigrantes italianos plantaram, no começo do século, os palacetes de sua prosperidade, com o estilo da avenida Brasil, também em S. Paulo, em que os sírio-libaneses ergueram os seus, nestes últimos dez anos. Estes mostram um surpreendente gosto néo-clássico e um amor, pouco oriental, à simplicidade das linhas. Esperemos amanhã, pelo bairro dos japoneses ricos, e por mim lhe digo que espero com simpatia; não sou desses brasileiros de ascendência lusa que têm ciúme dos de outra extração. Tudo é Brasil, e gosto de misturas.

Mas se detesto esse nacionalismo tipo "Brasil brasileiro", devo confessar, meu velho, que acho o nacionalismo justificável quando é uma defesa dos povos pobres contra os ricos. E aí é que pega o carro: o sr. Jaffet é dado como testafereiro, no Brasil, de um poderoso "trust" americano, o do aço. Se isso é verdade, e se êle vai ser presidente do Banco do Brasil então vamos confessar que, para um chefe populista, o sr. Vargas começa com um certo exagero de "despistamento".

Entregar um pósto-chave a um agente direto do imperialismo pode ser muito hábil; mas me parece um pouco o gênero de esperteza daquela mocinha que contava ao delegado as etapas de sua desgraça dizendo, depois de cada uma, inclusive da última: "Eu só estava olhando o jeito dele...".

Enfim, o povo sabe o que quer, e Deus o que faz.

1.2.51

R. B.